



## Aproximações à relação entre os fenômenos da educação e de ser humano

POR CEZAR LUÍS SEIBT

celuse@ufpa.br ; cezluse@yahoo.com.br

### Considerações introdutórias

De forma predominante, ao longo da história, pensamos o ser humano a partir da noção de essência ou natureza. Compreendemos o ser deste ente a partir de algum parâmetro objetivo, a-histórico, infinito, como um ser determinado previamente, por ação divina ou da natureza. Nesse sentido, ele não se diferenciaria dos animais ou plantas, exceto por algumas qualidades a mais. Autores como Heidegger caracterizam esse modelo como Metafísica. Nos últimos dois séculos fomos, aos poucos, fazendo um caminho que foi dotando o ser humano de um novo estatuto, dando a ele a responsabilidade pelo seu próprio ser, libertando-o dos determinismos da ontologia clássica. Mas, ao mesmo tempo, vemos consolidar-se um movimento materialista, pelo lado da biologia, que acaba aprisionando o ser do ser humano a padrões biológicos e genéticos. Somos, neste caso, o que a natureza faz de nós; o propriamente humano é resultado da genética. Também, de acordo com Ferry (2011), há uma insistência no determinismo provindo da sociologia materialista, do ser humano como resultado inflexível das condições materiais.

Encontramo-nos entre dois modos de compreender o ser humano: um deles que indica uma essência prévia que informa, conforma, forma o que o ser humano é em todos os tempos e lugares: uma ideia divina, a natureza (genética) ou as condições materiais. Essa posição entende o homem fundamentalmente sem liberdade, ou nela a noção de liberdade é um problema. A outra posição insiste na liberdade fundamental do ser humano, ao menos desde Rousseau: o que o ser humano é, ele não é por alguma ação externa, por uma essência, mas por sua própria ação; seu ser não está previamente



determinado. Vamos pensar o fenômeno da educação a partir da posição que assume o ser do ser humano enquanto uma construção, uma invenção, um exercício da liberdade. O humano que já sempre compreende a si mesmo e tem a responsabilidade do cuidado em relação a si mesmo e ao mundo; um ser-no-mundo.

A educação é um fenômeno que concerne unicamente ao ser humano. Ela se configura de acordo com o que se pensa deste. Uma compreensão do que seja o ser humano está na base das opções educativas. Se pensarmos o ser humano a partir de uma essência, pensaremos na possibilidade de uma educação ideal, perfeita, coerente com essa essência, algo como 'a' educação, num processo de conformação a um dever-ser incontestável, fora do âmbito existencial (necessário, portanto). Mas se pensarmos o ser humano enquanto tendo seu ser sob próprio encargo, não podemos mais pensar a educação como um fenômeno com uma essência, com uma configuração essencial a ser descoberta nas pesquisas dos educadores ou filósofos. Não há algo como 'a' educação a ser perseguida ou descoberta, mas unicamente processos de ensinar e aprender que nascem dentro e se ajustam a um projeto humano histórica e geograficamente localizado. Educação sempre corresponde a uma sociedade ou cultura e vice-versa; sociedade, educação e homem são 'circunstâncias'.

Vamos defender, neste texto, a compreensão do ser humano enquanto resultado de seu próprio trabalho, como resultado da sua interação com os objetos e acontecimentos, como uma invenção de si mesmo, o ontológico como resultado do comportamento ôntico. Isso não significa uma posição que elimine qualquer tipo de condicionamentos sociais, biológicos, materiais, mas que coloca o propriamente humano numa dimensão diferente: a dimensão da liberdade. Também não nega as compreensões religiosas ou científicas, mas pode apontar para uma visão mais originária e fundamental do fenômeno religioso e científico, para além das objetificações e dogmatismos instaurados no curso da história.

Autores como Heidegger, Berger e Luckmann poderão nos ajudar a entender melhor o horizonte teórico metafísico da tradição e a desconstruir as determinações nela



presentes, abrindo espaço para o ser humano no seu acontecer, na sua vivência e, além disso, contribuir na reflexão sobre a educação dentro desse âmbito.

## **I – O ser humano enquanto tarefa no mundo**

Ser humano não tem uma essência, não é feito segundo um modelo, uma ‘ideia’ (Platão) que lhe condicione necessariamente o que é, seu ser. É um ente ‘aberto’, que tem a tarefa de escolher o que será, enquanto humano (diferente dos outros entes, determinados de antemão e que não precisam escolher a si mesmos); ele ex-siste, se projeta, escolhe a si mesmo. Martin Heidegger enfatiza essa condição quando escreve que “a pedra é sem mundo, o animal é pobre de mundo e o homem é formador de mundo” (2006, p. 205). A pedra é um ente fechado sobre si mesmo, que não produz nenhuma alteração no mundo e nem em si mesma por ação própria sua. O mesmo acontece com o animal, que está capturado no ambiente, não altera esse ‘espaço’ onde vive, mas segue o curso da natureza. Nem a pedra e nem o animal precisam ser educados para serem alguma coisa. Isso porque não precisam escolher seu ser; são algo a partir de fora, da natureza. Dizer que o homem é ‘formador de mundo’ implica não somente na capacidade de produzir alterações no ambiente externo, mas significa, sobretudo, a condição de abertura, de ter-que-ser, de ter que fazer alguma coisa de si mesmo, própria somente dele. Como afirma Casanova, “o ser-aí não possui originariamente nenhuma determinação quiditativa própria, mas todas as determinações de seu ser são alcançadas apenas de maneira existencial a partir dos comportamentos que ele leva a termo em relação aos entes intramundanos, aos outros seres-aí e a si mesmo” (2012, p. 122). Não temos, neste sentido, nenhum modelo ou ideal de homem a ser realizado necessariamente, exceto os modelos e ideais que nós mesmos, enquanto sociedade de homens que produzem cultura, engendramos para nós. Em outras palavras, nós somos um poder-ser, somos possibilidade e não quididade ou essência. O que somos agora, é resultado do jogo e das relações que vamos experimentando e consolidando, mas sem nunca poder fechar o nosso ser, realizando supostamente um ideal de ser humano. Nosso ser se mantém sempre em jogo. O que somos ontologicamente não é nada mais do que o resultado de



nossos comportamentos ônticos, embora o horizonte ontológico (que não uma essência) nos sirva de ambiente onde já sempre nos encontramos e somos.

Peter Berger e Thomas Luckmann, a partir da sociologia do conhecimento, também mostram que “não existe natureza humana no sentido de um substrato biologicamente fixo, que determine a variabilidade das formações socioculturais. Há somente natureza humana, no sentido de constantes antropológicas (por exemplo, abertura para o mundo e plasticidade da estrutura de instintos) que delimita e permite as formações socioculturais do homem” (2011, p. 70). Indicam, com isso, a concepção de que a natureza do homem ele mesmo constrói, na relação com o ambiente. Por isso podem também afirmar que “a sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social” (2011, p. 85). Da conservação e consolidação das relações do homem com o ambiente, do acúmulo de experiências se constitui o mundo. O mundo é formado pelo homem que está se escolhendo, se constituindo em algum modo de ser. Ninguém sozinho poderia produzir mundo: precisamos de muito tempo e de vivências que foram se acumulando, passando de geração em geração, se transmitindo e alterando ao longo do tempo. O ‘mundo’ foi e está sendo formado constantemente pela relação dos homens entre si e com a natureza.

Mas não basta somente a relação, a ‘experiência’. É preciso que algo tenha se constituído nessa vivência e experiência, que possibilitou que ela se guardasse e que se pudesse sempre novamente ultrapassá-la. Uma abertura compreensiva, uma clareira onde as coisas começaram a ser o que são, a servirem para o que servem. Essa condição é a linguagem, a memória da experiência e transportadora da abertura que aos poucos vai sendo conquistada. Linguagem não somente enquanto uma gramática, um conjunto de signos, mas linguagem enquanto aquilo que conserva, carrega, transmite a abertura mesma que foi sendo conquistada com a própria linguagem e experiência; mas também gramática, na medida em que esta também guarda a organização e compreensão do mundo que produzimos. Linguagem não é somente um veículo de comunicação, mas é ela que carrega o mundo, a abertura, o sentido, a compreensão. O que compreendemos,



compreendemos dentro da linguagem. O que faz sentido ou não, é dentro dela que faz ou não.

O passo fundamental para a humanização é a linguagem. Ela ‘acontece’ concomitante com o acontecimento mesmo do mundo. Mas é aprendida, não precisa ser inventada por cada novo ser humano. Foi acontecendo e, embora continue a ser sempre novamente transformada, já está disponível atualizada para cada criança que nasce. Através da aprendizagem da linguagem internaliza-se um mundo, os hábitos, as rotinas, as explicações, as justificações, a ética, os conhecimentos, enfim, o programa daquilo que devemos ser no nosso tempo e lugar. Aprender a falar significa entrar num mundo determinado, adquirir uma memória, aprender e apreender um modo de ser, um conjunto de institucionalizações e de experiências consolidadas. A língua não é somente uma forma vazia, um conjunto de sinais e sons organizados numa gramática e lógica, mas ela é em si mesma o conteúdo e sentido do mundo. A língua não é vazia, mas ela nasce com, consolida e carrega o mundo. Ela acontece enquanto forma e instrumento na medida em que surge o conteúdo. Por isso podemos dizer que cada língua carrega consigo um mundo diferente. A nossa língua é nossa memória e, enquanto tal, mantendo aberto o passado, nos abre no presente para o futuro. Ao aprender a falar, nos comunicar, nunca aprendemos somente palavras e gramática, articulações vazias de sentido. Aprendemos, na linguagem e com ela, um mundo enquanto um universo de realidades, que se apresenta como totalidade coerente. É conteúdo que se cristaliza em conceitos, mas que se mantém mutável, por que o sentido é mutável. Se não houvesse linguagem (se não falássemos) nossa experiência morreria no presente, tal como ocorre com os outros entes sem ou pobres de mundo. O problema é que normalmente a língua se torna independente, passa por um esquecimento, uma ocultação do processo de sua produção, perde sua originariedade e, com isso, também seu poder criativo e transformador (objetifica e consolida realidades, verdades).

Importante destacar aquilo que Berger e Luckmann chamam de “conversas”. Na internalização do mundo específico que é o nosso, cria-se uma conversa constante que cristaliza as compreensões, conserta falhas na constituição do que deve ser o ser



humano e os elementos do mundo. A linguagem, portanto, além de abrir o mundo, também se constitui de elementos que trabalham para que esse mundo aberto através dela tenha consistência e constância. Essa ‘conversa’ é o processo sem fim de falar sobre as coisas para garantir a sua realidade, a certeza de se estar no lugar e caminho certos. A linguagem abre o mundo e nos abre para ele mas, ao mesmo tempo, estabelece seus limites, seus muros. Com isso podemos dizer que a princípio e normalmente sempre somos aprisionados dentro de uma língua.

O ser humano forma mundo na medida em que se liberta, se desgruda, foge da captura da natureza. Nesse movimento de abertura escolhe a si mesmo, elege suas ‘determinações’. Podemos dizer, como Heidegger, que “a ‘essência’ deste ente consiste em seu ter-que-ser” e “a ‘essência’ do *Dasein* consiste em sua existência” (1998, p. 67). Ele não tem propriamente ‘propriedades’, mas ‘maneiras possíveis de ser’. “O *Dasein* se determina cada vez como ente desde uma possibilidade que ele é, e isto quer dizer, que ele se compreende de alguma maneira” (Heidegger, 1998, p. 69).

Onde está o propriamente humano? Possivelmente não esteja naquilo que compartilhamos com os outros entes. Não somos humanos por determinação natural como os outros entes. O humano está exatamente naquilo que vai além das determinações, na liberdade. Está no existir, no ter de fazer algo de si, está na sua indeterminação fundamental. Está na constante mobilidade no ser. Incontornavelmente ligado às condições fáticas, concretas, localizado no tempo e no espaço, e no horizonte da transcendência que ele mesmo abre. Dadas essas condições, não temos mais o homem da tradição, com determinações essenciais. Podemos somente falar dos modos de ser que ele vai assumindo e esses modos são chamados por Heidegger de ‘existenciais’, em oposição às categorias. Não temos mais antropologias como as da tradição, mas descrições de possíveis atualizados, realizados no tempo. E temos, sobretudo, a possibilidade de voltar a investigar o elemento mais originário, que se oculta nas configurações que o humano assume na história e que, ao mesmo tempo, as possibilita. Pode-se investigar como é o ser humano de forma que ele possa determinar o próprio ser. Descrever as condições primárias, originárias, fáticas que



constituem a sua abertura compreensiva (*Verstehen*) situada afetivamente (*Befindlichkeit*). Uma analítica da existência, uma hermenêutica da facticidade, uma ‘antropologia’ existencial no âmbito da finitude. Heidegger não fala mais de homem, ser humano, conceitos que substitui pelo existencial *Dasein* (ser-aí).

Insistimos até agora que nos parece que o ser humano não é segundo uma determinação prévia natural. Seu ser emerge da relação e lida com as coisas, com os outros. Nesta relação, além de configurar-se o ser do homem, abre-se também mundo. Isso de forma que em qualquer ser humano existente o seu ser sempre já é de alguma forma configurado. Ele não surge e nem existe no vazio, no vácuo, mas sempre num ‘ambiente’ determinado, localizado espacial e temporalmente, histórico, portanto ser-aí (*Dasein*). De alguma forma sempre é, assume uma configuração determinada, já sempre compreende o mundo e a si mesmo. Não existe fora de uma situação histórica e geográfica (é ser-no-mundo); não precisa inventar a partir do zero os elementos que irão conformar seu comportamento, seu pensamento, seus sentimentos, seus valores; herda um modo de ser dos seus antepassados, resultado da sedimentação das escolhas já realizadas coletivamente. O ser humano mesmo é uma invenção de si mesmo. Inventa, cria o ambiente no qual ele também se produz.

Como diz Casanova, interpretando Heidegger, “ser um ser-aí significa imediatamente ser a partir de um mundo sedimentado fático que fornece de início e na maioria das vezes as possibilidades existenciárias com as quais o ser-aí pode desde o princípio se confundir e com as quais ele já sempre efetivamente se confunde” (2012, p. 104). O ser-aí entra, é jogado em um mundo específico, numa sociedade objetiva (na linguagem de Berger e Luckmann). No processo de tornar-se humano absorve e abre-se especificamente segundo o modo dessa configuração social específica. Por isso, inicialmente e na maioria das vezes, existe de forma impessoal, cotidiana, imprópria, inautêntica (com palavras de Heidegger), sob o domínio e aprisionado pelo mundo em que nasce e vive. Aprendendo a falar uma língua aprende e apreende um mundo ao qual, inicialmente e normalmente, fica aprisionado. Esse mundo sedimenta na gramática, na linguagem as concepções do que é e do que não é; regula as possibilidades práticas e



teóricas da ação e conhecimento; estabelece os limites e possibilidades do comportamento e do pensamento (consolida uma lógica), além de dizer quem é e deve ser o ser-aí. Não há como o ser-aí escolher as condições iniciais nas quais ele emerge no mundo. Mas essa impossibilidade é, ao mesmo tempo, a possibilidade mesma de ser-no-mundo, de ter um mundo. Um mundo é sempre uma abertura limitada, uma possibilidade realizada que fecha para outras possibilidades. Não há ser-aí aberto para a abertura em si mesma, numa abertura transparente, mas sempre dentro de uma abertura que manifesta os entes de uma determinada forma, de modo que se oculte a abertura que os manifesta. Somos, de início e na maioria das vezes, em virtude do impessoal, do mundo específico no qual nascemos, da cotidianidade mediana do nosso mundo.

Em outras palavras, emprestadas de Casanova, “jogado em um mundo, o ser-aí sempre supera imediatamente a indeterminação constitutiva de seu poder-ser e cai em possibilidades específicas, a partir das quais ele vai paulatinamente tomando contato com a semântica fática sedimentada do mundo que é o dele” (2012, p. 122). Como alertam Berger e Luckmann, a abertura para o mundo se transforma num certo fechamento ao mundo, o que é necessário para “assegurar a direção e a estabilidade para a maior parte da conduta humana” (2011, p. 74).

Como cada novo ser humano nasce dentro do tempo e do espaço, dentro de um horizonte compreensivo e comportamental já aberto, disponível, precisa, para se tornar membro da comunidade humana do seu tempo e lugar, aprender o ser aí vivido; precisa, inicialmente, aprender a ser o que o seu tempo e lugar esperam de qualquer ser humano, ser aquilo que o projeto em vigência espera dele; precisa se enquadrar, se ajustar, se conformar ao que ‘deve ser’; isso acontece sobretudo através da aprendizagem da linguagem, de uma língua específica, que guarda e carrega uma específica interpretação do mundo, como já dissemos. Ser-aí cotidiano implica em receber e assumir uma identidade específica, papéis determinados, um lugar dentro do mundo, comportamentos adequados, conhecimentos que são logicamente consistentes (segundo a lógica deste mundo), tudo numa unidade justificada. Essa inserção nas



opiniões da tradição, com seu caráter tendencialmente dogmático, garantem a normalidade e verdade do mundo que é o nosso. Nesse processo de normalização da vida, na absorção na situação fática, “nos vemos presos a modos de compreensão e interpretação dos entes que carecem de todo caráter genuíno, uma vez que não nos valemos aí senão de algo assim como o ponto final de um longo percurso, sem qualquer clareza quanto aos momentos mesmos desse percurso e quanto à sua necessidade, propriamente dita” (Casanova, 2012, p. 58). Como escrevem Berger e Luckmann, a socialização faz “aparecer como necessidade o que de fato é um feixe de contingências, dando deste modo sentido ao acidente que é o nascimento dele” (2011, p. 175). Ainda segundo os mesmos autores, “para os filhos, o mundo transmitido pelos pais não é completamente transparente. Como não participaram da formação dele, aparece-lhes como uma realidade dada, a qual, tal como a natureza, é opaca, pelo menos em certos lugares” (2011, p. 82).

Sem contato com a origem da formulação dos problemas e das respectivas respostas (que configuram o que é o real), as gerações posteriores recebem a tradição de forma estabelecida, cristalizada e institucionalizada. Aquilo que era vivência e que originou uma explicação e um conceito, é transmitido sem nenhuma postura crítica, sem assunção autêntica e própria dos pressupostos que a sustentam. Pensamos dentro e a partir do mundo do qual não conseguimos nos afastar, pois ele é a condição mesma do pensamento que pensamos. Podemos dizer que nos escravizamos ao que nós mesmos produzimos, aos modos de explicar, usar, ao funcionamento das coisas. De forma que, inicialmente e normalmente, pensamos a partir dessa nossa relação cotidiana. Não pensamos o modo como vivemos, mas pensamos da forma como vivemos. Não vivemos de acordo com o que pensamos (talvez porque nos falta o ‘pensamento’), mas pensamos de acordo com o modo como vivemos.

## **II - Educação e humanização**

Enfatizamos a diferença entre o ser humano e os outros entes no sentido de que somente ele tem a tarefa de decidir e realizar o seu ser. Somente ele é aberto, é formador



de mundo, tem mundo. Ele produz o seu ambiente enquanto os outros entes estão capturados no seu ambiente natural. Neste seu modo de ser é que encontramos as raízes da educação, da educabilidade. Não sendo determinado no seu ser, precisa sempre novamente escolher as 'determinações' que o configuram em um determinado tempo e lugar. Dada essa mobilidade e também o fato de sempre nascer em uma sociedade e cultura determinadas, surge o fenômeno da educação, da formação. Somente o ser humano precisa se tornar alguma coisa, 'determinar' a si mesmo, pois inicialmente é somente possibilidade.

Somente faz sentido falar de educação quando se trata do ser humano, porque somente ele pode ser outro, continuando a ser ele mesmo. Além disso, somente ele precisa ser introduzido ao modo de ser institucionalizado na sua época, ao projeto em vigor, e somente após essa aprendizagem será um ser humano de acordo com o que se espera que seja neste momento da história. Somente ele ex-siste, não 'é' incondicionalmente e necessariamente. Precisou 'inventar' a educação para poder saltar toda história de invenções e escolhas e não ter de sempre refazer esse caminho. Ela encurta o caminho do processo de humanização que coletivamente precisamos de muito tempo para realizar e institucionalizar.

Como já dissemos, o animal não é educável porque não é aberto; é fechado, determinado pela natureza, segue um programa natural, não pode mudar seu ser. O ser humano, ao contrário, existe, é abertura, compreensão do ser, porque não nasce determinado no seu ser, mas é resultado de um conjunto de ações que acontecem dentro de um projeto historicamente situado. O modo de ser do homem pode ser sempre diferente, pode inclusive assumir o modo de ser de um animal (lobo, por exemplo), enquanto que o animal não pode ser outro a não ser si mesmo: o homem se torna aquilo que o ambiente com que ele lida e onde vive lhe oferece e o uso que faz dessas influências. Um animal nascido e criado entre animais de outra espécie ou entre os homens jamais se torna outro animal ou assume modos humanos duradouros, enquanto o ser humano pode assumir o ser dos animais se nascer e crescer entre eles (meninos-lobo, por exemplo). O modo fundamental de ser do ser humano é de tal forma que somente ele precisa de



educação. Só é educável, transformável, modificável o ente que fundamentalmente é aberto, não determinado no seu ser.

Por isso, o ser humano, para tornar-se humano, passa por um processo de educação. Esse processo de educação recolhe a abertura do mundo, do universo de sentido, de compreensões e abre também o homem para esse mundo. Abre para um mundo e, ao mesmo tempo, produz um fechamento, impõe limites que normalmente não são ultrapassados. As institucionalizações fecham o mundo enquanto mundo, para garantir a direção e ordem das coisas.

Por isso, educar é sempre, inicialmente, aprisionar o ser humano (no seu tempo e lugar, para essas compreensões e comportamentos) e muitos elementos são providenciados a fim de consolidar a educação de cada indivíduo. Não é possível uma educação que somente abra o indivíduo para o ser de possibilidades: ela sempre abre a partir de determinadas possibilidades, amparadas por um aparato teórico e comportamental de justificativas, razões e fundamentações. Torno-me ser humano a partir de um processo educativo que me 'insere' num mundo e situação determinada, aqui e agora. O que faz o ser humano é o fato de estar aprisionado numa sociedade, num tempo e num lugar, numa compreensão, no destino de época. Ou seja, começamos a ser humanos em uma prisão e a educação tem esse caráter ambíguo de libertar aprisionando e aprisionar libertando.

Somos libertados para a transcendência pela educação. A educação recria a abertura onde compreendemos a nós mesmos e as coisas do jeito que são dentro do projeto temporal e espacial onde nascemos e nos educamos, mas também nos limita a esse horizonte. A educação nos enraíza num determinado universo compreensivo e de possibilidades. Ela nos dá uma determinada situação, um ambiente, uma clareira, um espaço compreensivo e de sentido, nos localiza numa cultura e sociedade determinadas. De modo que podemos dizer que o ser humano é o que é pela educação. O ser humano é uma instituição que se mantém pela educação e que quem institui é o próprio ser humano. O ser do ser humano é aprendizagem, de forma que não somos nada fora do que aprendemos, na sociedade. Vivemos na sociedade e a sociedade vive em nós. O



homem não surge fora da sociedade. Não há educação sem história (memória guardada), sem a sedimentação de alguma coisa que pode ser transmitida e configurar o ser de cada futuro ser humano.

Se pensarmos na educação como a promoção da autonomia das pessoas, isso somente é possível depois que o indivíduo esteja de alguma forma aberto para o mundo. É preciso haver, primeiro, um mundo, um horizonte, um 'ambiente' aberto, que se mostra, aos poucos, transformável. Há um requisito prévio para se pensar em autonomia: é preciso primeiro haver o 'espaço', o 'horizonte' da autonomia. Sempre educação significa primeiro inserir o homem no seu mundo, dotá-lo da abertura cotidiana impessoal vigente no seu tempo e lugar, dos saberes tradicionais, locais, gerais, científicos para, agora em uma clareira, pensar em autonomia.

Depois de educado, 'formado', depois de assumido um modo de ser pela educação, o ser humano pode avançar no sentido de produzir alterações no 'ambiente', na atmosfera na qual se constitui e na qual compreende o mundo. Para que o indivíduo possa ir além do seu tempo e lugar, para atingir a autonomia e a liberdade, precisa passar por um processo de reconexão com as 'origens', com o 'início' dos modos consolidados em que vive; descongelar o passado vigente no presente através dos conhecimentos e comportamentos, para encontrar sua historicidade, o caminho da consolidação; essa experiência abre o ser humano para sua condição mesma de ex-sistente, enraizado no mundo, na tradição; lhe dá condições de compreender seu tempo e lugar enquanto resultado do fazer humano, enquanto resultado da relação entre o ser humano e o mundo. Mergulhado no ambiente aqui e agora o ser humano não acessa as origens do seu ser e, com isso, dificulta sua emancipação.

A educação nos mantém aprisionados sobretudo quando não mostra essa nossa origem, nossa gênese; quando oculta o vir-a-ser humano e o sentido das coisas dentro do projeto compreensivo. Escreve Casanova que "no momento em que [...] remetemos a situação aos seus domínios originários, nós superamos a dogmaticidade das significações fáticas e conquistamos simultaneamente uma via de acesso autêntica aos



entes” (2012, p. 58). Esse retorno somente pode ser feito se conseguirmos enxergar para além dos envolvimento e da absorção (com coisas, eventos, projetos) em que nos encontramos cotidianamente. Inicialmente e normalmente o passado e a tradição atuam constantemente sobre o presente, determinando suas possibilidades, num movimento incessante para frente. Não se abre espaço para o diálogo nestas condições, onde o mundo se apresenta como natural e eterno. Ao emergir da absorção, o diálogo se torna possível, mesmo encontrando-se dentro da tradição que nos abre o universo compreensivo. Neste sentido, “não é apenas desejável para o pensamento estabelecer um diálogo com a tradição, mas antes uma necessidade oriunda do fato de o pensamento partir constantemente da tradição” (Casanova, 2012, p. 82).

Educação feita com respostas (sem as perguntas que deram origem às respostas) aprisiona com mais força ao tempo e lugar em que se vive. Educação que permite a pergunta, a dúvida, a incerteza, nos possibilita ver os limites do lugar onde estamos inseridos e as paredes que nos aprisionam, abre para novas respostas que podem afastar os limites das antigas paredes. O diálogo com a tradição, liberado pelo questionamento, pela pergunta, que remete para as origens das respostas teóricas e explicações sobre a realidade, abre novamente para a capacidade de espanto, admiração e para o mundo enquanto abertura finita na qual acontecemos, nós humanos e os entes. Educação a partir dos problemas ajuda a lembrar e manter viva a capacidade de fazer a experiência da experiência, para além da aprendizagem dos conteúdos fixados pela tradição.

Heidegger sugere, em *Ser e Tempo*, a angústia como um dispositivo que tem o poder de libertar do aprisionamento cotidiano, de conduzir para fora da previsibilidade e obviedade da relação prática e teórica comum e média. Para Casanova, “a angústia traz consigo uma articulação entre o ser-aí e o seu caráter de poder-ser. Ela rompe a tendência produzida pela decadência e impede o prosseguimento da simples fuga de si mesmo por parte do ser-aí imerso no mundo das ocupações cotidianas” (Casanova, 2012, p. 125). E o mais importante é que ela recordaria do encargo do ser-aí sobre si mesmo, da tarefa do cuidado.



A educação (como um todo, formal e informal) se liga intimamente com o acontecimento humano. Ela carrega a responsabilidade de conectar cada novo ser humano à tradição, ao projeto em vigência, criando um laço entre cada novo indivíduo e a sua sociedade e cultura. Não teríamos a compreensão de ser humano que temos hoje, não nos entenderíamos como nos entendemos, se não houvesse o fenômeno da educação, que reproduz a realidade, a transmite e pode, inclusive, abrir espaço para novas compreensões.

### **Considerações finais**

A educação não faz sentido se não for relacionada a um ente antes de tudo educável, aberto em seu ser. Daí a possibilidade de mostrar a raiz da educabilidade do homem na diferenciação com os animais. O animal não necessita da educação para ser o que ele é por ser determinado e fechado em seu ser desde o princípio. Um animal, através da educação, não se torna outra coisa do que já é. O animal não se torna outro a partir da convivência com outros animais ou com o ser humano, enquanto o humano pode ser outra coisa dependendo da convivência que tiver. O ser humano pode se tornar um lobo, enquanto que o lobo não pode se tornar humano, por mais esforço que se faça para educá-lo. O ser humano precisa ser educado para ser o que ele é ou deve ser, não nascendo o que ele deve ser (segundo o projeto histórico dentro do qual ele nasce). Nós, humanos, somos aquilo que aprendemos a ser, aquilo que nosso tempo nos instrui em termos de comportamentos, compreensões, conhecimentos, valores, desejos, expectativas, juízos. O mundo é e somos neste mundo a partir de uma aprendizagem historicamente delimitada, portanto dentro de um projeto finito.

O que faz o ser humano e a educação elementos intrinsecamente dependentes é o fato do ser humano ser aberto no seu ser; melhor dizendo, não ser, mas existir, diferente dos animais que naturalmente são o que são, fechados em si mesmos. Perguntar pelo ser do ser humano exige confrontar-se com o seu não ser, com a sua existência, com a sua abertura para ser, para sua educabilidade. E educação é o instrumento que inventamos para introduzir cada novo ser humano no dever-ser humano do seu tempo.



A questão que segue é então se não se pode questionar os projetos históricos, do dever-ser humano, dentro dos quais o ser humano é educado? Se são historicamente construídos, os modos de ser humano estão sempre relacionados a interesses ou um jogo de forças entre ideias que se impõe e se sucedem no tempo. Compreender originariamente o fenômeno da educação e o acontecimento humano pode ajudar a produzir uma consciência menos determinada pelas contingências históricas, mais livre para a criação de si mesmo e de novos projetos coletivos.

Em síntese, inicialmente e normalmente, sempre somos nada mais do que as condições e possibilidades do nosso contexto temporal e geográfico (impróprios e inautênticos); a educação sempre vai ter a função inicial de nos apresentar o mundo tal como está aqui e agora e apresentar o ser humano a si mesmo nas mesmas condições (é conservadora); num segundo momento, empossados de uma compreensão de mundo e de nós mesmos, ela pode (mesmo que seja de forma concomitante com a apresentação do mundo e de nós mesmos) contribuir para a transparência da tradição apresentada (inicialmente) de forma conclusiva e opaca; isso através do diálogo com o passado, com as tradições, conhecimentos e hábitos. Caracteriza-se assim a dinâmica existencial finita na qual desde sempre nos movemos compreendendo o mundo e a nós mesmos.

Por ser um ex-sistente, um ser-no-mundo, um ente jogado no mundo (sem referências objetivas e absolutas), um ter-que-ser, um 'nada' a princípio, a educação é o instrumento de orientação no mundo; somente pela educação, pelo caminho da educação o ser humano recebe orientações e uma direção para o seu ser. Ele só é o que é a partir da educação (para não ter de inventar sempre novamente a si mesmo a partir da própria ação, como se não houvesse um acúmulo histórico de cultura); educação e ser do ser humano tem uma íntima relação, originária, fundamental.

A linguagem guarda todas as conquistas, compreensões da tradição; a educação é o processo de transmissão desse passado para as novas gerações; as mudanças que as novas gerações produzem são assimiladas à linguagem, que novamente as carrega e guarda; elas são novamente transmitidas no processo de educação. Assim o ser do ser



humano vai sendo inventado, guardado, sempre novamente consolidado, mas também questionado e alterado, transmitido via educação, guardado na palavra, na linguagem.

Nessa dinâmica, pensar o ser humano para além das categorizações, das objetivações e objetificações parece ser o desafio que exige a desconstrução da linguagem que usamos e na qual nos movemos, ela mesma instaurando e garantindo a dominação de tudo (domínio ao menos supostamente possível). A linguagem, como diz Heidegger, “caída sob a ditadura da opinião pública [...] decide previamente o que é compreensível e o que deve ser desprezado como incompreensível” (2005, p. 14). Nesse sentido, os humanismos, as compreensões tradicionais que temos do ser humano são reduções que possibilitam a dominação e controle desse ente, e lhe conferem direção. Uma reflexão sobre o ser humano precisa, agora, empenhar-se “para que o homem se torne livre para a sua humanidade” (Heidegger, 2005, p. 19) e, quem sabe, nos ajude a “aprender a existir no inefável” (Idem, p. 16).

O que quisemos mostrar é que o ser humano é o que a educação faz dele. O ente ‘ser humano’ não é determinado previamente pela natureza, como o ser do ente cavalo o é. Esse ente chamado ‘homem’ não é senão o resultado de um fazer, relacionar-se, decidir. Não o encontramos enquanto um ideal, mas sempre de acordo com as condições fácticas do seu tempo e lugar. É um poder-ser, um vir-a-ser, uma possibilidade sempre já efetiva de alguma forma, exercendo uma possibilidade. Não é senão sempre uma possibilidade. Sempre poderia ser outro, mas não poderia ser senão enquanto uma possibilidade, diferente dos outros animais sempre fechados na determinação natural.

Em virtude do modo de ser próprio do ser humano, um ser-aí, existente, lançado sempre para fora de si, enraizado no passado, aberto no presente e direcionado para o futuro, transcendente, é que se pode falar de uma relação fundamental e originária com a educação. Homem e educação são co-originários. Somente o ser humano precisa de educação e ela somente faz sentido a partir do seu modo de ser. Só há educação e emancipação entre os seres humanos.



Mas, em todo caso, fica ainda sempre a questão: até que ponto podemos efetivamente alcançar autonomia ao pensar o mundo de dentro de um determinado mundo? Não temos como nos colocar de fora do ambiente finito que sempre é o nosso mundo; não podemos alcançar transparência suficiente para poder pensar a partir de uma suposta perspectiva infinita, de fora das condições de possibilidade oferecidas pelo nosso mundo ao pensamento. Talvez tenhamos de aceitar a possibilidade de morar na limitação da finitude e, neste caso, a busca da transparência absoluta e de determinações essenciais não seja possível. Reconhecer que estamos já sempre engajados e imersos em um projeto de mundo, mas com a possibilidade de sempre continuar transcendendo para novas possibilidades. Reconhecer que temos de continuar discutindo e criando projetos (religiosos, políticos e científicos) de humanidade e lutando por eles, sem poder alcançar uma visão de homem e de educação para além da história e fora da linguagem. Esses projetos precisam poder dotar a vida de sentido e realidade, fazendo cada ser humano ir para além de si mesmo, transcender os limites da individualidade e do seu próprio mundo. Enfim, reconhecer que somos humanos e que, por isso, temos de continuar acreditando sem poder dar provas objetivas das razões da nossa fé; que nossas possibilidades, que nossos projetos de homem e mundo são realmente os nossos, resultantes de um longo esforço humano de inventar a si mesmo.

Brota junto a isso a responsabilidade diante das possibilidades. Nos tornamos pessoalmente e coletivamente responsáveis pelo projeto que criamos e consolidamos. Mas também responsáveis pela abertura para novos possíveis, para novos projetos que tenham o potencial de criar um espaço de autonomia, liberdade e emancipação para cada novo ser humano e para cada povo. Um exercício constante e sem paradeiro final que possa representar algum fim objetivo e determinação em si. Afinal, a humanidade recordada da sua finitude incontornável e do seu enraizamento histórico e mundano, mas já sempre aberta para a criação de seus próprios projetos.



## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

CASANOVA, Marco Antonio. **Comprender Heidegger**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

FERRY, Luc & VINCENT, Jean-Didier. **O que é o ser humano?** Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser y Tiempo**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o Humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da metafísica - mundo, finitude e solidão**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.